

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



**ENTRE SABERES E CIÊNCIAS: O FEMINISMO QUE BUSCA RECONHECER-SE
PONTE, ESCADA E SEMENTE**

Oiolanda Moreira da Costa¹

Resumo: O presente texto aborda a temática gênero, raça e sexualidade em sistemas colonialistas e de colonialistas. Desenvolvido em forma de relato de experiência com suporte teórico embasado em Lugones (2014), Mendes e Fonseca, (2020), objetiva apresentar rapidamente como mulheres em suas individualidades foram atravessadas pelas intersecções coloniais e decoloniais que resultam em reprodução desses modos ao longo de sua existência. Por ser um relato de experiência reflexivo a escrevivência aparece como instrumento condutor para que a práxis não se funda a meras teorias, e sim, se torne legitimidade e coerência. O texto está organizado em quatro partes sendo que os títulos fogem da padronização acadêmica. A primeira, desengessar e recomençar, introduz a temática e aborda conceitos. A segunda, Entre Espinhos e esperarçar, aprofunda a narrativa no campo de experiência reflexão. A terceira parte. Reencontra-se: o Chão que piso me permite frutificar? Conclui o texto refletindo criticamente acerca das vivências, cotidianas, das influências sociais e suas lógicas de subalternização, sendo o silenciamento uma prática que amordaça ou uma prática que direciona ao pensar. Conclui-se que entender se estamos construindo espaços propício para refletir as existências de mulheres negras, invisibilidade, subalternização, negações e interseccionalidades em tempos de decolonialidades e cortinas de colonialidade.

Palavras-chave: Colonialidade; Decolonialidade; Intersecção; Território.

DESENGESSAR E RECOMEÇAR

Sintetizando a visão freiriana de que os processos educativos se desenvolvem entre o sonhar e o pensar, o querer e o oportunizar, o garantir e o transformar (Freire, 1996), venho, por meio desta escrita, reafirmar o quanto é importante reassumirmos o papel de uma educação global que permita, de fato, o rompimento com o sistema de edificações de poder – um poder que se constrói para si mesmo, negando saberes e invisibilizando sujeitos enquanto produtores de conhecimento.

Seguindo os passos de Conceição Evaristo e outras milhares de mulheres negras que precisaram acreditar, serem forte para além do físico. Trilharem caminhos que muitas vezes seria impossível desbravar. Entender o momento certo, a hora certa, enxergar com a luz do carão, ouvir, refletir e não ceder ao desanimo, as negativas que pairavam sobre a mente

¹ Especialista em Educação do Campo pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: oiolanda@gmail.com.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



fazendo com o que o corpo fosse apenas mais um a ser invisibilizado nos becos e vielas que se constituem caminhos em nossos passar

Falar de educação e manifestação do conhecimento em forma de escrita num percurso vivencial sinaliza entender que, além de aprender, temos que lutar contra todas as formas de dores conduzidas e consolidadas por relações de poder de base colonial. É com essa consciência que Conceição Evaristo (2020), nos ensina que a noção de escrevivência articula escrita e existência, especialmente a partir das vivências de mulheres negras, transformando memória, corpo e cotidiano em potência política e literária.

Represento nesta escrita as mulheres da família Silva, Marias de um tempo nem tão distante, mas que estudar era um privilégio, escolha do patriarcado. E as Marias eram mais em quantidade, tiveram que desenvolver as tarefas do campo, para ajudar na economia de casa, privadas da escola, mas nunca do sonhar. Hoje são apenas histórias, memórias que elas contam para nos educar, pois em tempos de capina, criança nem podia rezar em voz alta, pois logo uma enxada iria ganhar. Para compreendermos os mecanismos que facilitavam a negação existencial das mulheres enquanto seres de saber, conhecimento e poder num cenário dividido social e economicamente, sendo que estudos e reflexões se constituem em torno de questões eurocêntricas. Uma interseccionalidade que derramou sobre as vidas das Marias o peso do machismo, do analfabetismo e do racismo.

Partindo do pressuposto de que os processos educativos são fundamentais para aprimoramento do ver e fazer reflexivo proponho-me trazer as aprendizagens que vem moldando um corpo negro, feminino e multifacetado enquanto estratégia de sobrevivência. Lugones (2014), em uma de suas falas sobre colonialidade do gênero ressalta que os/as colonizados/as tornaram-se sujeitos em situações coloniais na primeira modernidade, nas tensões criadas pela imposição brutal do sistema moderno. Tomando por base os sujeitos em situações coloniais, reporto-me a fase inicial nos processos de aprendizagens escolares, em que a paisagem marcante era áreas de pastagem em sua imensidão. Fornos de carvão, fumaça que pairava sobre nossas roupas, deixando o aroma de devastação, mas também de sustento para o irmão.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Anos de luta, escola, fumaça, carvão na fôrnalha, não se entendia a rota, o círculo vicioso que não se rompia, por ter esperança de que um dia, isso tudo mudaria. Aos quatorze anos de idade, talvez sem consciência, mas com muita consistência embarquei na jangada do ser coletivo. Pastoral da juventude, organismo da igreja católica que com muita autenticidade pregava a vida, nas lutas diárias que iriam se transformar. Acreditar, pois a imposição social transpirava o sangue de corpos desiguais. E como lutar sendo um desses corpos expostos os descasos, sem pertencimento racial, se igualando aos iguais para ali estar?

ENTRE ESPINHOS E ESPERANÇAR

Na oitava série do Ensino Fundamenta II, eu, uma adolescente ativa nos movimentos da igreja, a pastoral da juventude, estudando assiduamente, descobri que precisava de dinheiro e que pra conseguir deveria papar de estudar e ir trabalhar na roça. A lógica colonial apontava para caminhos sequenciados. Minha mãe sempre trabalhou na roça, não estudou, também trabalhou de empregada doméstica, casou teve filhos e continuou a rotina até o corpo não mais suportar o peso das madeiras, dos balaies, da enxada e da lona.

Ela estudou até a segunda série e todos os dias dizia que os filhos tinham que estudar. Ela não faria como o pai fez, que não queria pra nós o que que fizeram com ela. A máquina de digitar era o sonho de trabalhar!

Ainda assim, fui trabalhar: arranquei feijão, plantei capim, bati pastagem; fui capinar. As mãos incharam, os pés espinharam, mas o que mais doeu foi a fala daquela maria, minha mãe.

Não temos nada de muito valor pra oferecer pra vocês. Seu pai saiu de casa ainda com dezessete anos. Trabalhava e dava quase todo dinheiro pra ajudar os pais dele. Só estudou até a quinta série. Eu não sei nada, não estudei porque meu pai não deixou. Era meu sonho ter estudado, mas nem rezando eu conseguir. Hoje você pode ir estudar, e pensa em desistir do maior tesouro na vida de uma mulher. (A.M.S.C, em 1994)

As opressões sofridas por essas mulheres avançam anos adentro, e hoje sou filha de uma dessas e ainda que de forma compactada influenciam decisivamente sobre os corpos femininos. Não foi a intelectual que falou mais alto, foi a sabedoria, a vivência experimentada

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

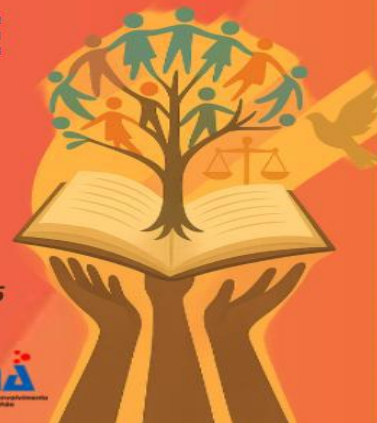
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



e calcificada nos barros da lida. Desse dia em diante retornei a escola com determinação, as moedas que ela me dava, guardava, juntava para um dia não faltar o pão.

Veio o ensino médio, nem sabia o que de mim seria. Outras mulheres entram em cena. Dona Aparecida solicita os documentos e comunica a mamãe que a matrícula ela mesma faria. E assim aconteceu, a escola: Emir de Macedo Gomes. Onde? Linhares. Como? O transporte. Ônibus escolar passa no Chumbado, as 5h20 min, sem atraso. Vai estudar o que? Magistério, pois mesmo sem perceber -se professora, a Dona Valdirene (In memória) na EU Barro Roxo, havia deixado por semanas a escola em minha responsabilidade. Porém não sova como algo importante naquele momento. Ela estava doente, e eu podia ajudar. Nem pagar ela iria.

Chegou o dia, acordar as quatro das manhã, levantar, se organizar, pegar a bicicleta e seguir rumo ao ponto de ônibus. Com sempre fui “forte” realizava o percurso sozinha, sem medo do escuro e do que nele pudesse se esconder. Quatro anos se passaram, enfim, formando dos anos 2000. Éramos nós, e lá estava eu pronta para receber o canudo de professora. Mamãe não foi, a situação econômica ainda não era boa, só papai estava presente. Não teve anel, nem flores, massa certeza de que um elo daquela corrente que aprisionava corpos e mentes estava começando a romper.

E assim faço das palavras de Lugones (2014), as minhas, quando escrevinha que: quando penso em mim mesma como uma teórica da resistência, não é porque penso na resistência como o fim ou a meta da luta política, mas sim como seu começo, sua possibilidade.

Não foi fácil enxergar e muito menos conquistar o espaço, pois o diploma por si só não dava garantias de trabalho num sistema em que não existia processos seletivos. Os profissionais tinham que mendigar juntos aos representantes políticos por uma vaga ou uma indicação.

E outra vez, mais uma mulher surge em minha teia construída a passos femininos de coletividade- Maria de Jesus, diretora disse que iria abrir uma turma de Educação de jovens e Adultos- EJA, e que precisava de ajuda para divulgar a modalidade. A campanha aconteceu, e em agosto de 2001, assumir pela primeira vez a regência de uma sala de aula. Turma multisseriada, primeiro segmento, adultos sonhando e desejando aprender.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIIDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

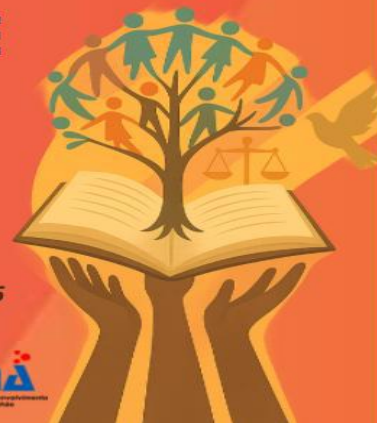
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Nesta primeira etapa, ela me acompanhou. O desejo de estudar falou mais alto e para me acompanhar nesse percurso que novamente seria feio de bicicleta (Barro Roxo x Chumbado), porém agora a noite, ela decidiu que iria tentar. Duas bicicletas, dias mochilas e sonho a conquistar. Todos os dias, a noite nos conduzia no pedalar. Ela na turma da terceira série, e eu na sala ao lado conduzindo o pensar, trilhando o alfabetizar.

Nesse período, não tinha consciência do quanto a educação escolar exercia influência sobre nossos corpos, e que esta refletia sobretudo sobre o painel de raça, enquanto saberes, epistemologias e produções intelectuais que são marcadas por pertencimentos étnico-raciais, historicamente silenciados pelo eurocentrismo. Colônia do poder

Falar de decolonialidade pressupõe entender que o campo de pesquisa é vasto, e que muitos pesquisadores em evidência ou tem se preocupado em debates consistentes que permitam mais que intencionalidades, mas sim avanços. Assim, Oliveira, citado por Mendes e Fonseca, (2020), nos permiti compreender que:

O termo decolonial deriva de uma perspectiva teórica que estes autores expressam, fazendo referência às possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista e, na esteira dessa perspectiva, a tentativa de construção de um projeto teórico voltado para o repensamento crítico e transdisciplinar, caracterizando-se também como força política para se contrapor às tendências acadêmicas dominantes de perspectiva eurocêntrica de construção do conhecimento histórico e social.

Mendes e Fonseca (2010) ao citar Luciana Ballestrin alarga a reflexão que fala sobre a necessidade da postura do contraponto. Para ele uma sociedade imersa no processo interseccional precisa ser capaz de conseguir diferenciar decolonizar e descolonizar, tendo em vista que a ação de transformar tendo por caminho a educação do campo nos leva a visões perturbadoras, intolerantes, negacionistas, imperialistas, contingenciadas; desafios que precisam ser mapeados, que acima de tudo precisam ser enfrentados sob a ótica do repensar a educação e suas estruturas de poder.

Abro aqui um parêntese no qual transponho as relações humanas que se consolidando ao longo dos tempos tendo por base o tripé da educação. Quando me afasto da semântica notoriamente construída nos berços da igreja e da educação enquanto movimento político para

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

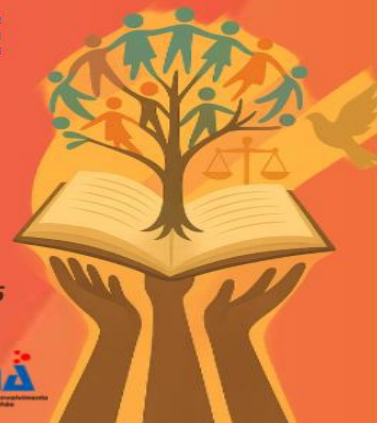
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



visibilidade alheia, sinto que foi preciso todo um enviesamento que nos retornasse a caixinha da descrença. Como se deu isso?

Pensamos junto a comunidade escolar e comunidade civil novos modelos educacionais, fui exonerada e com certificado de incompetência. Pensamos juntos as mulheres da comunidade local e consequentemente outras vieram, o coletivo de mulheres Lírios do Campo, de renda extra, autonomia, coletividade e protagonismo feminino. Como não cedemos aos encantos sendo cabo eleitoral, logo dispersaram as mulheres alegando apropriação de identidade do coletivo para visibilidade pessoal. Ainda assim acreditava que podia contribuir com a coletividade, dei um passo largo, aceitei ser Subprocuradora Especial na Câmara Municipal, coletivizando pautas importantes discutidas na igreja, na universidade e na escola. Dei o meu melhor, mas não era o que queriam, e fui me afastando, pois não tinha interesse em ser apenas cabo eleitoral. Não parei, veio outro convite, e desta vez, um passo bem maior que as pernas, mas que eu precisava conhecer, exercitar, entender o motivo da fala não se encaixar nas práticas de movimentos sociais organizados.

Lugones (2014) ao refletir e tornos dos sistemas complexos de opressão infere que o feminismo não fornece apenas uma narrativa da opressão de mulheres. Vai além da opressão ao fornecer materiais que permitem às mulheres compreender sua situação sem sucumbir a ela. Nesta perspectiva sair de Sooretama para uma reunião com mulheres que até então nem sabia que existiam, apenas repetia os conceitos de representatividade empregados pela sociedade de poder. O objetivo era organizar um grupo de mulheres oriundo de um partido político. Numa sondagem rápida entre as que ali estavam acabei não assumindo a função, sair da reunião como coordenadora estadual do segmento feminino partidário de negritude. Como sempre, muitos desafios, lutas invisibilidades opressões, mas a oportunidade de entender por que o pensamento político é pensado no topo, quem pensa e como se difunde no seio social.

Após muitos embates optei por sair tendo em vista que não me encaixava nesse modelo feminino colonial de subalternização dos corpos delas, nossos, meu. Ainda cair na ilusão de conduzir um conselho Municipal de Direitos das Mulheres, como membro da sociedade civil. Só digo uma coisa: - impossível combater violência doméstica reproduzindo

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

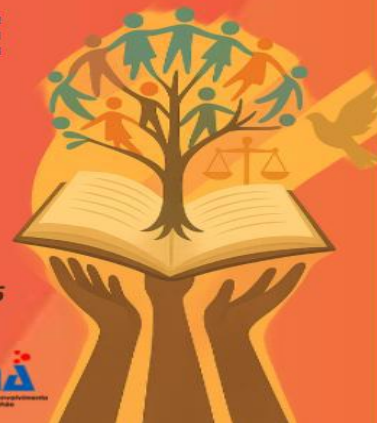
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



violências. Concluir o mandato e até o dado momento não retornei a este espaço para sequer solicitar informações.

E não é sobre ceder ou não ceder aos caprichos do sistema, mas sim trazer para nossa existência, assim como aborda Mendes e Fonseca (2020), quando fala sobre a reprodução dos modos de colonização. Essas mulheres foram condicionadas a um padrão de comportamento e de vida distante de sua cultura e esse padrão foi/é reproduzido na nova sociedade imposta pelo Ocidente. Romper com esse modo de reprodução exige construir mecanismo coletivos para enfrentar o sistema e apontar que outros modelos sociais se fazem necessários.

REENCONTRAR-SE: O CHÃO QUE EU PISO ME PERMITE FRUTIFICAR?

Ao observar o percurso poderia caracterizá-lo como fracasso, isso porque as tensões materialistas pressupõem o ter como ponto alto nas demandas do poder. No entanto reavalio, e reclassifico os fracassos que a vida nos oferta enquanto possibilidades para construir a ponte do conhecimento com alicerces de saberes. Nada disso seria possível se minha postura enquanto mulher preta outrora distanciasse das evidências que privam inúmeras mulheres do processo de construção do conhecimento, do poder do diálogo crítico e da superação diária do fazer- se resistência social.

A lógica colonialista é violenta, mas oferta pó de arroz com aroma de morango para encantar, desestabilizar, emudecer todos aqueles que de certa forma apresentam-se como combatente a este modelo em vigor. Trazer para si aqueles que vão para o enfrentamento faz com a colonialidade se fortaleça, mas também culpe o próprio sujeito pelas supostas “distorções” que a sociedade passa a enxergar com os olhos de quem tem o poder. A desigualdade desenhada pelo topo da pirâmide, explicada pelo centro e vivenciada de fato em sua desigualdade pela base.

Repensar essas estruturas e seus enraizamentos requer a construção prática de uma educação popular para o questionamento as hierarquias epistêmicas, promovendo uma ruptura com a lógica eurocêntrica que historicamente trabalhou pela invisibilidade dos processos desiguais.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Conclui-se, portanto, que discutir gênero, raça e sexualidade na Educação do Campo sob a ótica da decolonialidade, assenta-se um caminho enérgico para fortalecer o protagonismo da diversidade, valorizar identidades historicamente subalternizadas e promover uma educação emancipatória. Trata-se de um processo contínuo de embate à colonialidade do poder, do saber e do ser, que exige intencionalidade política, compromisso ético e abertura permanente à transformação.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, 935-952, set.-dez., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqnzb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 mar. 2026.

MENDES, Gabriella da Silva; FONSECA, Alexandre Brasil Carvalho da. A questão de gênero numa perspectiva decolonial. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 19, n. 1, p. 82-101, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/50181>. Acesso em: 2 mar. 2026.